



**casadesarmento**

centro de estudos do património

# Revista de Guimarães

Publicação da Sociedade Martins Sarmento

## **CARTAS DE EMÍLIO HÜBNER A MARTINS SARMENTO.**

CARDOSO, Mário

Ano: 1926 | Número: 36

---

### **Como citar este documento:**

CARDOSO, Mário, Cartas de Emílio Hübner a Martins Sarmento. *Revista de Guimarães*, 36 (2-3) Abr.-Set. 1926, p. 97-103.

---

Casa de Sarmento  
Centro de Estudos do Património  
Universidade do Minho

Largo Martins Sarmento, 51  
4800-432 Guimarães

E-mail: [geral@csarmento.uminho.pt](mailto:geral@csarmento.uminho.pt)

URL: [www.csarmento.uminho.pt](http://www.csarmento.uminho.pt)



Este trabalho está licenciado com uma Licença Creative Commons  
Atribuição-NãoComercial-SemDerivações 4.0 Internacional.

<https://creativecommons.org/licenses/by-nc-nd/4.0/>



Quando, em 1880, se realizou em Lisboa o Congresso Internacional de Antropologia e Arqueologia pre-históricas, ao qual Martins Sarmiento apresentou o seu estudo *Les Lusitaniens* (versão do opúsculo «Os Luzitanos», Pôrto, 1880), foi a Citânia visitada, em 1 de Outubro, a convite de Sarmiento, por alguns congressistas ilustres, como Cartailhac, Virchow, Henri Martin e vários outros. As ruínas, com seus enigmas indecifráveis, principalmente sob o ponto de vista da questão etnológica, impressionaram profundamente o espírito destes sábios eminentes, representantes da Europa culta do último quartel do séc. XIX. Desde então o conhecimento da Citânia e dos trabalhos de exploração metódica ali realizados por Sarmiento, comparáveis até certo ponto aos de Schliemann em Tirynto e Mycenae, ultrapassou os limites acanhados da fronteira portuguesa e espalhou-se por todo o mundo científico. Henri Martin, um dos maiores entusiastas da obra de Sarmiento, escreveu por essa ocasião, a respeito da Citânia: «*Il y a ici un des plus intéressants problèmes de l'archéologie européenne.*»

Das várias hipóteses formuladas sobre o problema da Citânia, e dos diferentes pontos de vista nasceram, conseqüentemente, debates apaixonados, alguns dos quais ainda hoje sem uma solução satisfatória. Sarmiento, exceptuada a pertinácia, talvez exagerada, com que defendia a nossa pretensa filiação ligúrica, estava sensatamente convencido de uma civilização citaniense não só pre-romana

(1) Vide pág. 5 do presente volume.

As duas fotografuras de exemplares arqueológicos que acompanham esta carta foram executadas sobre clichés feitos por M. Sarmiento e actualmente pertencentes à grande e valiosa colecção que o Arqueólogo legou à Sociedade M. S.

A vinheta desta página é uma reconstrução do Pintor-Artista vimaranense Sr. Abel-Cardozo.

mas pre-céltica, hipótese ainda hoje aceite como a mais provável (Vide Mendes Correia — Os Povos primitivos da Lusitânia — Pôrto, 1924 — pág. 293 e seg. — *A cultura dos castros*, etc.). Uma das bases em que Sarmento apoiava a sua hipótese era a característica pre-romana, perfeitamente marcada, em toda a ornamentação dos exemplares arqueológicos provenientes das derruídas habitações da Citânia. Discordou H. Martin deste ponto de vista e, em 12-7-1881, escrevia, de Paris, a Sarmento uma carta, na qual se destacavam os seguintes períodos: «*Les bas-reliefs si intéressants de Citania sont décidément moins anciens que nous ne l'avions cru; leurs rapports sont avec les antiquités scandinaves, et il y a lieu de les reporter aux Wisigoths et aux Suèves.*» (Carta de H. Martin a Sarmento, em 12-7-1881. Vide Arquivo da S. M. S.)

Uma tal afirmação aproximava consideravelmente dos nossos dias a suposta remota antiguidade da Citânia, visto que os seus monumentos de arte ornamental primitiva, a admitir-se-lhe uma origem germânica, só poderiam remontar ao séc. V da nossa era, data da invasão dos Bárbaros na Península. Sarmento, escudado nas suas observações e estudos, refutou esta opinião e escreveu ao sábio francês uma longa e interessante carta, na qual argumentava principalmente com o facto de as inscrições CAMAL e CÖRONERI CAMALI DOMVS (vide fig.<sup>as</sup> adiante) de duas pedras descobertas na Citânia (que eram, indubitavelmente, *padieiras pertencentes a portadas cujos umbrais apresentavam insculpturas do suposto estilo germânico*) — conterem caracteres arcaicos que, **segundo os mestres, remontavam ao primeiro século da era cristã.** (Carta de Sarmento a H. Martin — Vide tómo IV dos Manuscritos de Sarmento, no Arquivo da S. M. S.). Aceite este ponto basilar como verdadeiro, dele ressaltaria imediatamente o absurdo de se admitir na Citânia uma arte importada pelos Germanos (Suevos), quatro séculos antes da sua entrada na Espanha; ou então a aplicação por estes povos, sobre a porta das suas habitações (supondo-os habitantes da Citânia, no séc. V) de pedras com inscrições que lhes não diziam respeito, e eram já velhas na Citânia de mais de 4 séculos. Outro paradoxo inaceitável.

H. Martin, depois de ter recebido a carta de Sarmento, publicou na «*Revue Archéologique*» (N.º IX — Setembro — 1881 — pág. 160) um artigo intitulado *La Citania de Briteiros*, no qual, expondo e sustentando a sua hipótese sobre o carácter germânico dos baixos-relevos da Citânia, incidentemente se referia às objecções de Sarmento. E, no mesmo estudo, em nota da redacção da revista (Alex. Bertrand), refutava-se a afirmação de Sarmento de que os caracteres das inscrições atrás citadas remontavam ao 1.º século da nossa era, alegando-se que tais caracteres, imperfeitísimos, em nada condiziam com as belas e correctas formas das inscrições do tempo de Augusto.

Sarmento ouviu a opinião de alguns estudiosos portugueses que, em tam melindrosa e arriscada afirmação, o não quiseram acompanhar, chegando mesmo um deles a declarar-lhe, com ênfase catadrática, que «nenhum epigrafista passado, presente ou futuro» poderia sustentar tal coisa, isto é — pertencerem os caracteres das inscrições da Citânia ao séc. I. (Carta de Pereira Caldas para M. Sarmento — 1881. Vide Arquivo da S. M. S.). A questão da

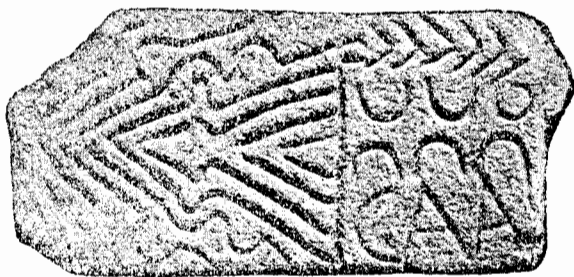
arte citaniense restringiu-se e derivou, portanto, nesta altura, para um mero problema de epigrafia.

Sarmento, inabaiável no seu ponto de vista, que não fôra tomado de ânimo leve, recorreu então ao mestre na ciência epigráfica: — Hübner. O que êle affirmasse, seria a última palavra. Escreveu-lhe expondo as dúvidas suscitadas a propósito das inscrições. A resposta de Hübner, que abaixo damos transcrita na íntegra, não se fêz esperar, absolutamente concorde com as ideias de Sarmento. Foi para êste um dos mais belos triunfos das suas lutas científicas. Henri Martin não era um adversário banal, um curioso vulgar — era um sábio de incontestável mérito, cujas afirmações neste assunto representavam, de mais a mais, uma corrente de opinião dos arqueólogos franceses. Mas teve de submeter-se à lógica da argumentação esclarecida de Martins Sarmento, apoiada na autoridade do Professor Emilio Hübner, o colaborador de Mommsen no monumental «Corpus Inscriptionum Latinarum».

Sarmento publicou a seguir um estudo em «A Arte Portuguesa» (Revista mensal de Belas-Artes — Pôrto, 1882 — pág. 1, 19 e 26) intitulado «*Se antes da invasão romana, havia uma arte entre nós*» onde vinha explanado todo o debate. Esta polémica também foi ligeiramente exposta a pág. 49 do 1.º número (1884) da nossa Revista.

Segue a magnífica carta de Hübner a Sarmento que julgamos dever preceder destas breves notas elucidativas. E' a cópia textual de um precioso autógráfo que, ainda hoje, volvido quasi meio século, constitui uma brilhante lição. Ninguém deverá deter-se a esmiuçar a vulnerabilidade ortográfica de documentos desta natureza, pois não é sob o ponto de vista (aliás de somenos importância) da maior ou menor propriedade com que um alemão escrevia o francês que elas são publicadas. Visamos apenas a divulgar indiscutíveis modelos de concisão científica.

M. C.



*Pedra ornamentada e com a inscrição CAMAL, descoberta em Junho de 1876, soterrada entre os umbrais da porta de uma casa quadrilonga da Citânia; na hipótese de Sarmento, seria a padieira da mesma porta.*

(Exemplar n.º 8 do Museu Arq. da S. M. S. — Dimensões: 0,40x0,380. Vide C. I. L. — Supl. ao vol. II, n. 5588 e tómo IV dos Manuscritos de M. Sarmento, pág. 9).

Berlin, W., Ahornstraße 4

23/11 81

Mon cher ami,

J'ai reçu votre aimable lettre du 10.; oui, je suis de retour de mon voyage il y a trois semaines, et je vous remercie de tout mon coeur, encore une fois, de tout le bien que vous m'avez fait, chez-vous, dans votre pays si délicieux, et de la bonne mémoire, que vous me conservez.

Je m'en vais à répondre à votre longue et intéressante lettre; je le fais en français, quoique, avec un peu de travail, je pourrais le faire en Portugais. Mais je vous épargnerai d'entendre votre langue maltraitée.

D'abord, je vous rends mille remerciements pour l'offrande religieuse, que vous avez faite, obéissant aux ordres de Jehovah, à l'autel de la science épigraphique \*), dont je peux accepter le titre de pontife, en quelque respect, mais non pas celui de pape (pontifex maximus) — : car je ne me sens du tout «infaillible».

A présent, je reviens à notre Citania, et à Mr. Henri Martin, qui, quoique Français, la veut donner à mes ayeux, les Allemands (les *Saevi*), et à la note de la Redaction de la Revue archéologique.

C'est une longue et difficile question, celle de fixer la date d'une inscription seulement selon le caractère paléographique de ses lettres. Il y faut distinguer, d'abord, les lieux. Si des lettres comme celles de l'inscription du Camalus Coroneri se trouvaient, par exemple, sur une pierre de provenance italienne ou française (de Lyon, de Narbonne, etc.), on pourrait prononcer, avec assez de confiance, que les formes des lettres un peu hautes et étroites, que la liaison du N et du E, qu'enfin tout le caractère rude de l'écriture, soit différent de la bonne écriture de l'époque

---

\*) La colonne milliaire de Magnentius a été répétée par moi depuis Argote da silne C. I. L. Vol. II n. 4744.

d'Auguste. Mais c'est tout-à-fait différent en Lusitanie, même en toute Espagne. Là, comme vous savez, les inscriptions de l'époque d'Auguste sont très rares (prèsqu'aussi rares que celles de l'époque républicaine, dont il n'y a qu'un très petit nombre trouvé exclusivement dans les villes de la côte orientale de la péninsule et dans la vallée du Bétis). J'en ai fait une étude spéciale. Celles des parties orientales et méridionales de l'Espagne sont à-peu-près du même genre que leurs contemporaines dans le midi de la France. Mais bien différentes sont celles du nord et de l'occident. Là il se trouve partout conservé un certain caractère barbare, qui plus tard seulement cède aux formes communes des monuments de l'empire. Il m'a semblé toujours, suivant l'impression générale de la civilisation de ces régions, que, depuis la conquête par les Romains, il y a eu entre ces gens-là, les Asturiens, les Galiciens et les Lusitaniens du nord, un certain effort, probablement forcé, de s'assimiler un peu aux moeurs des conquérants, mais que, du reste, la romanisation (pour ainsi dire) n'ait jamais bien réussie; en grattant un peu, on y découvre de suite l'ancienne barbarie. Puis, il ne faut pas juger seulement à l'aide de la paléographie; la rareté même des inscriptions et, surtout, leur extrême brièveté, s'y joint. Pas un seul *dis Manibus*, pas de formules comme partout ailleurs (*hic situs est*, etc.), pas d'indications sur la vie du défunt ou du honoré, ou sur sa position civile; enfin, un stile tout particulier, sans influence des lois et des moeurs romaines. Je me dis donc que quelque temps après la conquête, si les habitants se sont soumis à ces moeurs et à ces lois, leurs inscriptions auront suivi les règles générales de l'épigraphe romaine. Et, en effet, il ne manquent pas tout-à-fait des preuves de cette soumission, quoique très restreinte. Tout ce que tient le cachet indigène, pour moi doit être considéré comme antérieur à ces influences, et, par conséquent, comme appartenant, à peu-près, à l'époque d'Auguste. Je dis à-peu-près; parceque personne ne saura dire combien de temps aura duré cette lutte entre la barbarie indigène et la civilisation étrangère; si vous voulez attribuer notre ami Camalus et sa famille entière plutôt à l'époque de Tibère ou de Claude,

qu'à celle d'Auguste, je ne m'opposerai pas. Disons même, que la fabrication de tuiles <sup>(1)</sup> aux marques du *Arg(us, ou Airgus) Camali* peut avoir duré jusqu'à la fin du premier siècle; mais au delà de cette époque je ne crois pas même qu'il y a eu, à Citania, ou à Sabroso et à Santa Iria, un nombre d'habitants d'une importance même relative. C'est donc l'impression d'un ensemble de faits positifs et négatifs qui m'a conduit à accepter, avec pleine confiance, la date que vous avez attribuée aux monuments épigraphiques de Citania. Mais cette date, selon mon avis, vient aussi d'être pleinement confirmée par l'examen paléographique. Moi, je n'ai jamais vu, en Espagne, un M aussi large et lourd, comme ceux dans CAA\_I et dans DOMVS dans des inscriptions du second siècle; l'E de *Coroneri* conserve l'ancienne égalité des trois lignes transversales; les R ont la queue tout droite; et à toutes les lettres il manquent les *apices*, les angles pointues, en haut et en bas des traits, et enfin tout l'aspect élégant et fini de l'écriture romaine épigraphique à partir du second siècle. Je ne repète pas, ici, que les ornements tectoniques de Citania et de Sabroso ont pour moi, comme pour vous, le caractère tout-à-fait primitif, celtique, ou, mieux-dit, lusitanien, surtout indigène (vous savez que je suis un partisan convaincu des civilisations indigènes et que je me méfie de toute importation, dans ces choses-là, quand il n'en a pas de preuves décisives) —, mais, quoi que l'on dise de leur origine, certainement les Alanes et les Suèves au cinquième siècle n'ont pas construit les murs et les soubassements et mêmes les huttes de Citania et de Sabroso, eux, qui n'ont laissé en Espagne un seul

---

(1) Sarmento sublinhou a lápis, no original, esta palavra — *tuiles*, e anotou à margem — *vaisselle*. Realmente, na Secção de Cerâmica pre-histórica, do Museu da S. M. S., encontram-se as marcas figulinas ARG ou AIRG CAMALI (ainda hoje indecifradas) em vários fragmentos de grandes vasos provenientes da Citânia de Briteiros, mas nunca em telhas. M. Sarmento chama a atenção de Hübner para este facto, nas suas *Observações á Citania do snr. Doutor Emilio Hübner* (pág. 37).

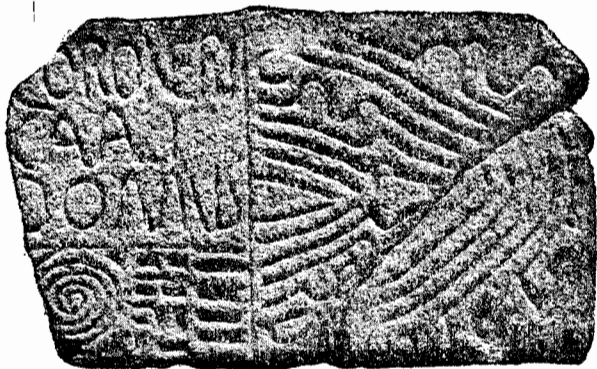
monument d'architecture, sauf quelques petites basiliques.

Inutile d'ajouter que vous êtes autorisé de faire usage de ces notes pour votre réponse à Mr. H. Martin et MM. les Directeurs de la Revue autant que vous voulez.

Et rien de plus aujourd'hui que l'assurance réitérée de mon amitié et de ma reconnaissance. Votre

*E. Hübner*

Une autre fois je vous parlerai de votre Citania et de mes projets de la voir publiée en Allemagne, comme l'académie de Lisbonne ne fait pas son devoir. Les clichés de la Rev. archéol. ne me semblent pas bien réussis. J'écrirai prochainement à notre ami Caldas; Mr. Agüero, à Madrid, m'a chargé de ses compliments pour vous.



*Pedra com ornamentação semelhante à de pág. 99, aparecida na Citânia em Maio de 1877. Contém a inscrição CORONERI CAMALI DOMVS.*

*Na opinião de Sarmiento, serviria também de padieira na portada de uma casa de habitação citaniense.*

(Exemplar n.º 9 do Museu Arq. da S. M. S. — Mede 0,54 x 0,387. Vide C. I. L. — Supl. ao vol. II, n. 5595 e tomo IV dos Manuscritos de M. Sarmiento, pág. 91).